NAS FRONTEIRAS ENTRE RAZÃO E DESRAZÃO: UMA LEITURA DE "O GATO PRETO" DE EDGAR ALLAN POE

Carla Alexandra Ferreira[1]
Raquel Terezinha Rodrigues[2]

RESUMO: Conhecido por seus contos macabros e misteriosos e por histórias policiais, Edgar Allan Poe (1809-1849) ocupa uma posição controversa e importante entre seus contemporâneos. O objetivo deste artigo é o de investigar por meio da leitura de um dos seus mais conhecidos contos, "O Gato Preto" (1843) como a temática da linha tênue entre razão e desrazão é apresentada no conto. Tendo como unidade de efeito a incerteza, esse conto dialoga com as ideias de Michel Foucault sobre razão e loucura e ainda com pensamentos vigentes sobre a formação da literatura norte-americana.
PALAVRAS-CHAVE: Edgar Allan Poe, literatura norte-americana, razão, desrazão, Foucault.

ABSTRACT: Known for his macabre and mysterious short stories as well as by his detective stories, Edgar Allan Poe (1809-1849) has a controversial as well as important position among his contemporaries. The objective of this article is to investigate through the reading of one of his most popular stories, "The Black Cat" (1843) how the theme of a subtle line between reason and madness is shown in the short story. Having uncertainty as its unity of effect, this story dialogs with Michel Foucault's ideas about reason and madness and also with the current thoughts about American literature formation.
KEYWORDS: Edgar Allan Poe, American Literature, reason, madness, Foucault.

Introdução

Um narrador que nos guia entre as fronteiras da realidade e da irrealidade, diluindo as possibilidades de certezas, colocando as crenças de seu leitor em xeque: é assim que o conto "O Gato Preto" (1843) de Edgar Allan Poe nos é apresentado.

Contemporâneo de escritores como Ralph Waldo Emerson e Thoreau, expoentes do Romantismo norte-americano, que concentram sua ficção na formação da nação sobre o viés ufanista, Edgar Allan Poe amplia o conceito de nação ao apresentar em seus textos personagens fragmentárias, confusas e, por vezes, loucas. Esses homens, antes de serem cidadãos norte-americanos, são seres humanos e, como tais, complexos e indecifráveis.

Poe, por meio de uma metodologia do fazer ficcional, como apresenta teoricamente em *Filosofia da Composição* (1846) e artisticamente em sua obra, apresenta a literatura como um *locus* para relativizar verdades e ampliar conceitos estreitos sobre a humanidade do ser. Os protagonistas de seus contos são pessoas envoltas em mistério, supersticiosas, dependentes químicos, psicopatas, que caminham na tênue linha da realidade e da loucura. Razão e sentimento são temas que brotam das histórias dessas personagens e que deixam o leitor incerto e impossibilitado de julgamentos dos atos apresentados, por piores que possam parecer aos considerados normais.

[1] Docente – UFSCar – carlaufscar@gmail.com
[2] Docente UNICENTRO - PR – raquelterezinha@gmail.com

Essa postura pode ainda invocar uma tentativa de síntese entre um momento anterior, marcado pela racionalidade e o momento no qual se insere o escritor, o Romantismo. Essa síntese, de fato, vem marcada na obra de Edgar Allan Poe, que tematicamente traz questões pertinentes à subjetividade, ao individualismo, ao delírio e devaneio, mas formalmente advoga pela precisão e a mensuração do fazer poético. Richard Gray (2009) ao comentar sobre o paradoxo de Poe, que teve a vida muito semelhante a de seus personagens, acentua a coexistência de um rigor estético bastante voltado para o neoclassicismo e a presença de elementos românticos, na obra do autor.

Nosso objetivo, neste artigo, é investigar como esse enfraquecimento das crenças tidas como verdades incontestáveis - permeadas pela loucura e pela presença do elemento sobrenatural e do álcool - é apresentado em "O Gato Preto" de Edgar Allan Poe. Para essa leitura, nos valeremos das ideias de Foucault (1961) sobre a loucura para o século XIX, momento em que o conto é publicado.

1. Racionalização da loucura: considerações foucaultianas

Em sua tese de Doutoramento, em 1961, intitulada *Loucura e Desrazão: História da Loucura na Idade Clássica*, Foucault apresenta uma discussão sobre a cisão e o distanciamento entre razão e loucura, por meio de um processo de medicalização crescente, na Idade Clássica. Essa ideia polêmica foi desenvolvida, no mesmo ano, em seu livro *História da Loucura*, ampliada para experiências culturais da loucura, na segunda edição de 1962. Oksala (2011, p. 27) aponta que *História da Loucura* "assinala o início do esforço para questionar o status filosófico do sujeito racional, autônomo e constituinte."

Gary Guttin (2007, p. 57) escreve que, embora se pudesse pensar que Foucault estivesse procurando fornecer um relato histórico sobre o crescente confinamento das pessoas consideradas loucas, na Idade Clássica, Foucault estava, a partir desse fenômeno, discutindo a mudança na percepção da loucura relacionada a esse evento. De fato, para o teórico, o que se dá é uma reestruturação de categorias morais daquele período, o que fornecerá a base para a psiquiatria moderna lidar com os conceitos de loucura como doença mental.

Em *História da Loucura*, Foucault apresenta a loucura como um construto histórico-social. Por meio da investigação do fenômeno em diferentes períodos históricos, o crítico discute que a loucura assume estatuto de doença mental no século XIX. De elemento da vida cotidiana, em certa relação com a sabedoria, como era vista no Renascimento; de um comportamento que deveria ser ocultado por ser inadequado moralmente, como no período clássico, à doença que deveria se tratada em hospitais especializados, no século XIX, loucura e razão são investigadas e historicizadas por Foucault. A proposta, segundo Yazbek (2012, p. 44) é que nesse momento histórico, para Foucault, a loucura é colocada como desrazão, assim se distanciando da razão, para então poder ser estudada. No curso da história, razão e loucura foram postas como posições antitéticas. No terceiro momento da análise histórica sobre a loucura, Foucault discorre sobre a necessidade da institucionalização da loucura como objeto do saber médico.

De fato, para Foucault, há no século XIX uma vitória da razão. Ele escreve que "a redução da experiência clássica do desatino a uma percepção estritamente moral da loucura servirá secretamente de núcleo a todas as concepções que o século XIX fará prevalecer, a seguir, como científicas, positivas e experimentais" (FOUCAULT, 2003, p. 337). Com o surgimento dos asilos como locais para o tratamento do paciente louco, a segregação da loucura por fim se consolida, ou nas palavras de Foucault, objetiviza-se. A loucura, nesse momento, é interiorizada e contida no próprio sujeito que será colocado como objeto de investigação.

Dessas ideias, lidas de modos diferentes pela crítica, segundo Oksala (2011), uma questão que nos é relevante para o conto de Poe é perceber que o autor norte-americano problematiza questão semelhante em seu texto ficcional. O narrador de "O Gato Preto" apresenta a seu leitor uma série de possibilidades para sua condição de morte na prisão, na abertura do conto. Essas situações, conforme veremos adiante, colocam em questão a

dificuldade da definição entre o que é real, racional e o que é imaginativo, fantasioso ou mesmo sobrenatural. O conto acontece no entremeio dessas polaridades, desautorizando ora um lado, ora o outro, rumo a um desfecho que não resolve a questão.

2. Entre a razão e a imaginação

Publicado na edição do *Saturday Evening Post*, em 19 de agosto de 1843, "O Gato Preto" é uma das histórias mais conhecidas de Poe. Geralmente classificada como Literatura de Horror, ou de conto macabro, traça a trajetória de deterioração de um homem que, conforme ele mesmo nos relata, vai da docilidade ao assassinato e sua condenação à morte.

Na página de abertura do conto, o narrador autodiegético de "O Gato Preto" diz a seu leitor que lhe contará uma história para a qual ele não espera crédito, embora o devesse ter por não ser louco (POE, 2011, p.51):

> louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando. Mas amanhã morrerei e hoje quero aliviar minha alma. Meu imediato propósito é apresentar ao mundo, plena, sucintamente e sem comentários, uma série de simples acontecimentos domésticos. Pelas suas consequências, estes acontecimentos, me aterrorizaram, me torturaram e me aniquilaram.

Em meio ao horror que diz estar experimentando e que justifica sua necessidade de compartilhar com alguém esse seu sentimento, já em suas palavras iniciais, o narrador estabelece uma separação entre razão e desrazão e acrescenta uma possível relativização dessas definições e mesmo um caráter histórico para elas, ao dizer:

> Para mim, apenas se apresentam cheios de horror. Para muitos, parecerão menos terríveis do que grotescos. Mais tarde, talvez, alguma inteligência se encontre que reduza meu fantasma a um lugar comum, alguma inteligência mais calma, mais lógica, menos excitável do que a minha e que perceberá nas circunstâncias que pormenorizo com terror apenas a vulgar sucessão de causas e efeitos, bastante naturais. (POE. 2011, p. 51)

Esse será o caminho do conto: macabro, sobrenatural, imaginativo e irracional aos olhos do narrador; mas possível de ser também resultado de sua dependência do álcool, de sua superstição que confere à figura do gato o motivo de sua ruína. A narração oscila entre a busca do narrador pela explicação racional dos fatos em sua vida e que o levaram à prisão e a uma provável sentença de morte, e sua crença na interferência de algo sobrenatural para seu destino, figurado pelo gato preto.

Em *Filosofia da Composição*, sua obra teórica para a poesia, mas que repercute também sobre sua prosa, Edgar A. Poe expõe metodologicamente que toda a obra (e, para ele, o conto seria o gênero mais eficaz, dado sua extensão) deveria possuir/construir uma unidade de efeito. Os elementos constituintes do texto literário – naquele caso seu poema *O Corvo* – deveriam ser organizados de tal forma que concorressem para a criação dessa unidade de efeito:

> Eu prefiro começar com a consideração de um *efeito*. Mantendo *sempre* a originalidade em vista, pois é falso a si mesmo quem se arrisca a dispensar uma fonte de interesse tão evidente e tão facilmente alcançável, digo-me, em primeiro lugar: "Dentre os inúmeros efeitos, ou impressões a que são suscetíveis o coração, a inteligência ou,

> mais geralmente, a alma, qual irei eu, na ocasião atual escolher?" Tendo escolhido primeiro um assunto novelesco e depois um efeito vivo, considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom - com os incidentes habituais e o tom especial ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes, quanto do tom - depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito. (POE, 1999, p.101)

Nesse caminho de composição e organização do conto, temos um narrador, não nomeado, que relata sua vida anos antes da prisão. Ele diz que desde criança era amável para com os animais e uma pessoa de humor agradável. Casa-se com uma jovem e incentiva-a no bom trato com os animais de estimação. De fato, o casal tem muitos animais de estimação e, entre eles, um gato preto de nome Plutão.

Com o passar dos anos, o narrador começa a beber cada vez mais e, em decorrência disso, como nos diz, seu humor altera-se frequentemente. Do amor aos animais e a Plutão, principalmente, ele passa a sentir ódio e repugnância. Não nos é revelado o motivo de seu alcoolismo, mas somente a influência que o álcool passa a ter em sua vida.

Parece, então, que a chave está dada: aquela indicação primeira, de que algum leitor posterior, mais experiente por ser de outro tempo, menos supersticioso e mais científico, pudesse entender sua situação e relativizar seu medo. De fato, em uma primeira leitura, de caráter romanesco do conto, pode-se pensar nisso. A mudança de humor do narrador e as crueldades que pratica acontecem em decorrência de seu vício ou de uma doença mental que se desenvolve a partir dessa dependência química que tem.

Contudo, levando em consideração a proposta de Poe sobre a escolha dos elementos do texto que concorrem para a obtenção de uma unidade de efeito, devemos considerar a função do gato para a organização formal do conto. O gato preto evoca superstições e seu nome Plutão refere-se ao deus romano do submundo. O gato do narrador, que o ama e o acompanha por muitos anos, traz em si uma carga simbólica que, associada a sua aparição na parede queimada pelo incêndio e sua possível volta para a destruição do narrador - por meio de outro gato com a mancha branca no pescoço - instaura uma aura de mistério no conto:

> Não tenho a fraqueza de buscar estabelecer uma relação de causa e efeito entre o desastre e a atrocidade, mas estou relatando um encadeamento de fatos e não desejo que nem mesmo um possível elo seja negligenciado. Visitei os escombros no dia seguinte ao incêndio. Todas as paredes tinham caído, exceto uma, e esta era de um aposento interno, não muito grossa, que se situava mais ou menos no meio da casa e contra a qual permanecera a cabeceira de minha cama. O estuque havia, em grande parte, resistido ali à ação do fogo, fato que atribui a ter sido ele recentemente colocado. Em torno dessa parede reuniu-se compacta multidão e muitas pessoas pareciam estar examinando certa parte especial dela, com uma atenção muito ávida e minuciosa. As palavras "estranho, singular!" e expressões semelhantes excitaram minha curiosidade. Aproximei-me e vi, como se gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca, a figura de um gato gigantesco. A imagem fora reproduzida com uma nitidez verdadeiramente maravilhosa. Havia uma corda em redor do pescoço do animal. (POE, 2011, p. 65)

Apesar do espanto de todos que estavam no local e também do narrador que diz ter visto a imagem do gato com a corda no pescoço, ele imediatamente procura uma explicação científica (e pouco provável) sobre como aquela imagem poderia ter sido gravada na parede. E, mais uma vez, estabelece o estatuto de sua sanidade ao

narrar o fato com muita precisão e detalhes e por procurar mostrar que, apesar de espantado, não compartilha totalmente com a opinião daqueles que olham a parede.

Contudo, com a chegada do outro gato preto e sua associação com Plutão enforcado, o narrador utiliza-se do adjetivo "monstro" várias vezes para se referir ao novo gato e demonstrar sua angústia pela presença do animal em sua vida. E sobre o sentimento que ele inspira, o narrador diz:

> Esse pavor não era exatamente um pavor de mal físico e, contudo, não saberia como defini-lo de outra forma. Tenho quase vergonha de confessar - sim, mesmo nesta cela de criminoso, tenho quase vergonha de confessar que o terror e o horror que o animal me inspirava tinham sido aumentados por uma das mais simples quimeras que seria possível conceber. Minha mulher chamara mais de uma vez minha atenção para a natureza da marca de pelo branco de que falei e que constituía a única diferença visível entre o animal estranho e o que eu havia matado. O leitor há de recordar-se que esta mancha, embora grande, fora a princípio de forma bem imprecisa. Mas por leves gradações, gradações quase imperceptíveis e que, durante muito tempo, a razão forcejou para rejeitar como imaginárias, tinha afinal assumido uma rigorosa precisão de contorno. Era agora a reprodução de um objeto que tremo em nomear e por isso, acima de tudo, eu detestava e temia o monstro e ter-me- ia livrado dele, se o ousasse. Era agora, digo, a imagem de uma coisa horrenda, de uma coisa apavorante. . . a imagem de uma forca! Oh, lúgubre e terrível máquina de horror e de crime, de agonia e de morte! (POE, 2011, p. 67)

Para o narrador, esse novo gato traz a lembrança de seus atos de crueldade a Plutão (a retirada de um de seus olhos e o enforcamento do gato). Esse novo animal, além da mancha branca que lembra uma corda em seu pescoço, também tem um olho só. Sua presença é a condenação do narrador que, mais uma vez, pensa em tirar a vida do gato para não se confrontar com seu passado de atrocidades. E é o gato, com seu miado, atrás da parede erguida para esconder o corpo da esposa assassinada, que o delata.

O argumento implícito é a de que o deus do inferno veio tomar sua alma; sua docilidade fora roubada pelo gato, que evoca a entidade mitológica. É após a presença de Plutão em seu lar que sua derrocada começa a acontecer e é também por meio de Plutão - que retorna no outro gato - que sua condenação é instaurada.

Na tradição do romance gótico, com a qual Poe flerta e de onde busca elementos de organização formal para alguns de seus contos, Plutão e o segundo gato preto podem ser lidos desse modo. Assim, parece, portanto, que outra chave está desvendada. Os acontecimentos são sobrenaturais e misteriosos, não explicados racionalmente. A condenação do narrador é, portanto, injustificada, porém não compreendida por se tratar de algo que não pode ser comprovado.

Quando comete seu primeiro "crime" contra o animal de estimação, o narrador diz que "uma fúria diabólica apossou-se instantaneamente de mim. Cheguei a desconhecer-me. Parecia que alma original me havia abandonado de repente o corpo e uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool, fazia vibrar todas as fibras de meu corpo." (POE, p. 103). O alcoolismo parece não ser a única causa para seu ato. Algo sobrenatural, como uma possível possessão provavelmente vinda do gato pelo que ele representa, é a explicação dada para seu ato.

Contudo, a questão do alcoolismo do narrador ainda está presente como um elemento de contradição a essa conformação sobrenatural. A genialidade e precisão formal de Poe colocam a explicação sobrenatural em diálogo com o vício pelo álcool e, formalmente, pela narração em primeira pessoa. Nosso narrador é dependente da bebida e um assassino – fato que ele não nega. A desconfiança que podemos ter dessa focalização é intensificada pela condição desse narrador que, desde o princípio, coloca no mesmo nível a questão da razão e da desrazão, da

realidade e da fantasia, do sobrenatural. A personagem encerra em sua caracterização essas possibilidades e crenças. Ademais, o narrador sugere que o ser humano possa conter em si tanto a razão como a loucura, ou desrazão ao, também dizer:

> Quem não se achou centenas de vezes a cometer um ato vil ou estúpido, sem outra razão senão a de saber que não devia cometê-lo? Não temos nós uma perpétua inclinação apesar de nosso melhor bom-senso, para violar o que é a lei, pelo simples fato de compreendermos que ela é a Lei? O espírito de perversidade, repito, veio a causar, minha derrocada final. Foi esse anelo insondável da alma, de torturar-se a si próprio, de violentar a sua própria natureza, de praticar o mal que pelo mal, que me levou a continuar e, por fim, a consumar a tortura que já havia infringido ao inofensivo animal. (POE, 1999, p. 51)

O narrador observa, neste momento, que o animal é inofensivo, contrariando as várias alusões, durante o conto, do seu poder diabólico e profético. De fato, o narrador propõe, como dito, a possibilidade de seu leitor também oscilar, em alguns momentos da vida, entre a esfera da sanidade e da loucura. Ainda, sugere que o controle da loucura ocorre pela regulamentação da lei de uma determinada sociedade, em consonância com as investigações de Foucault já comentadas neste texto. O uso da primeira pessoa do plural insere-nos nessa possibilidade apontada pelo narrador. Além da proximidade que ele estabelece com seu leitor, ele propõe que essa inclinação para violar a lei da sanidade não é somente dele, mas também de seu leitor. Essas possibilidades, portanto, habitam a alma do homem, como parte constituinte de sua natureza.

No ensaio *Instinct vs Reason – a Black Cat*, publicado em 1840, no periódico *Alexander's Weekly Messenger*, Edgar A. Poe escreve que há uma linha tênue entre instinto e razão, argumentando que o gato que tinha em sua casa como animal de estimação demonstrava racionalidade em sua rotina, o que poderia suscitar dúvidas sobre a razão ser atributo do homem e o instinto, do animal. A partir dessa constatação, Poe amplia a discussão para o questionamento sobre a diferença entre razão e instinto, dizendo ser esse um conceito nebuloso. Esse texto lança luz à escolha do gato preto, com toda a sua carga simbólica, como elemento fundamental para a organização formal do texto. Além da presença possível do sobrenatural contido no gato, há uma transposição entre razão e desrazão entre o gato e o narrador, reforçando a questão da fluidez dos conceitos e da possibilidade de se pensar historicamente, como propõe Foucault, sobre esses construtos.

O conto coloca-se como um local para a discussão das fronteiras entre a razão e a loucura, entre cientificismo e a superstição, entre o sobrenatural e o real. O equilíbrio que vem de sua organização formal, como tentamos mostrar, dá aos dois extremos possibilidades de coexistência, senão de questionamento dessas polaridades. Ao encerrar em si o que ele mesmo percebe para todos os homens, o narrador torna-se o porta-voz desta discussão médico/filosófica.

Guttin (2007, p.22) discute que os "monstros" com os quais Foucault lida em seus livros, estudos da história da experiência, podem ser condensados em um único "bicho papão" dos intelectuais franceses: a burguesia. Para ele, é a aversão que Foucault tem às instituições burguesas que o move à investigação de fenômenos como o discutido nesse artigo.

Richard Gray (2009, p. 105) escreve que Edgar Allan Poe é o fundador do mito do sul, marcado pela ideia da culpa e do peso do passado, pela decadência e a ruína e pelas limitações do ser humano. Para Gray, Poe traz em sua obra exatamente essas concepções em desconfiança às instituições burguesas norte-americanas. O autor desconfia da democracia (tão proclamada em seu tempo e, principalmente, pelos pensadores e escritores do nordeste do país), pois para ele o homem não é mais feliz do que no passado. Talvez um pouco mais sábio para algumas questões, mas, ainda assim, imperfeito.

Sua postura em suas obras, e que também aparece em "O Gato Preto", coloca em questão as preocupações de seus contemporâneos. Com certa exceção para Hawthorne, que não confia que instituições (religiosas ou laicas) possam conduzir da melhor forma o país, por já possuir um histórico de exageros e desmandos para com uma parte da população, os escritores românticos daquele momento concebiam as pessoas em uma ética binária marcada pelo Bem e o Mal. Para eles, a nova nação poderia ser feita por homens bons e seus textos literários trabalham em diálogo com essa crença. Para Poe, ao contrário, como nos ensina o narrador de "O Gato Preto", essa democracia sem máculas não seria possível, pois o homem poderia trazer em si ambos os lados, sendo a razão regida pelas leis sociais. Não havia, portanto, para o escritor do conto, a possibilidade do Éden na Terra, mito já apresentado por Colombo quando do descobrimento da América (GRAY, 2009), fundamental para o desenvolvimento das colônias puritanas.

A previsão de Poe se confirma de certo modo, quando ao final do Romantismo e início do novo século e da Estética Realista, a Guerra Civil acontece. Norte e Sul têm, naquele instante, conceitos diferentes de nação. Gray (2009, p. 245) aponta que essa batalha destaca uma contradição interna no país - a escravidão. A unidade da nação, diante desse fato e de sua consequência, a guerra, está rompida, fraturada e a crença do país como a terra das possibilidades fica abalada.

O conto aqui estudado lida, portanto, com questões filosóficas que podem, também, em mais um nível de leitura - em que se considera o contexto de produção do texto - dialogar como esse momento norte-americano de definição de sua literatura e seu povo. Poe amplia, por meio de sua obra, com espaços não marcados, narradores de sanidade questionável e atmosfera misteriosa as possibilidades de se pensar na relatividade das verdades absolutas. A frente de seu tempo e incompreendido por muitos, naquele momento, Poe traz questões importantes para a literatura norte-americana e antecipa traços das estéticas modernista e pós-modernista ainda por vir, sem, contudo, abandonar elementos do romantismo que fundamentam seu trabalho ficcional.

"O Gato Preto" fala, entre outras coisas, dessa fluidez possível entre a razão e a desrazão e propõe que é por esse motivo que a nação imaginada não é algo simples de se obter. O poeta, neste caso, fala das dificuldades e dos limites humanos. O conto traz também a possibilidade de se pensar, o que confirma Foucault, nas diferentes concepções que a loucura e a razão podem ter em momentos históricos diferentes.

Poe, de fato, não resolve a questão no conto, mas essa parece ser sua intenção. É a dúvida o elemento chave desse processo, sua unidade de efeito. Longe de ter que ser solucionada, a dúvida é o grande tema do conto, figurando artisticamente o que Foucault elaborará teoricamente.

Considerações Finais

Na contramão das ideias sobre os Estados Unidos do século XIX como a terra das possibilidades, porque feita de homens livres, Edgar Allan Poe nos apresenta um narrador preso em seus conflitos de base emocional e/ou sobrenaturais. Ao lidar com as várias possibilidades diante dos fatos, por meio de uma organização formal que desautoriza cada afirmação feita e chega a seu desfecho com a mesma dúvida inicial, "O Gato Preto" pode ser a figuração das incertezas diante de verdades institucionalizadas de que fala Foucault. No caso da obra de Poe, e do conto estudado, essa possibilidade de tratamento temático pode ainda dialogar de modo opositor com os desejos de uma América democrática e livre, no momento de formação daquela nação. O conto discute as superstições e crenças e também o cientificismo exacerbado que não dão conta de entender os limites desses pensamentos.

Oksala (2011, p.33) escreve que, "para responder a pergunta óbvia de como o silêncio da loucura poderia ser escrito, Foucault recorreu à literatura. [...] Somente um certo estilo de escrita literária poderia mostrar traços de loucura e evocar no leitor uma experiência capaz de contestar a idolatria da razão.

Podemos pensar, por meio da leitura de "O Gato Preto", que tanto essa contestação da idolatria da razão como a supervalorização das explicações sobrenaturais são colocadas em debate, no texto. De fato, o narrador, sem

oferecer saídas e soluções, por sua própria constituição e pelos elementos que constituem a dubiedade da narrativa, coloca o homem como o catalisador dessas tensões e passível de sanidade e loucura. Essa incerteza é o elemento fundamental do conto que ainda hoje fascina seus leitores.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, [1961] 2004.

FOUCAULT, M. *História da Loucura na Idade Clássica*. [Trad. José Teixeira de Coelho Neto], São Paulo: Perspectiva, 2003.

GRAY, R. *A History of American Literature*. Blackwell Publishing, USA, 2009.

GUTTIN, Gary. *The Cambridge Companion to Foucault*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

OKSALA, J. *Como ler Foucault*. [Trad. Maria Luiza X. de A. Borges], RJ: Zahar, 2011.

POE, E. A. "The Black Cat". In: *Tales of Mystery and Imagination*. UK, Wordsworth Classics, 1994.

POE, E. A. *Poemas e Ensaios*. (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista. (p.101-114)

POE, E. A. "O Gato Preto". *Assassinatos da Rua Morgue e Outras Histórias*. Porto Alegre: L&PM, 2011. P.51-69

POE, E. A. *A Filosofia da Composição*. Disponível em http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/poe/index64.html [acesso em 12/08/2014]

POE, E. A. "Instinct vs Reason – a Black Cat" [Texto-02] In: *Alexander's Weekly Messenger*, vol. 4, no. 5, January 29, 1840, p. 2.

YAZBEK, A. C. *10 Lições sobre Foucault*. RJ: Vozes, 2012.